


RENA/CEN=  
CA: PORTV=  
GVEJA : 

O PORTO  
E A RENASCENCA  
PORTUGUESA

exposição biblio-iconográfica  
organizada pela comissão instaladora do museu nacional de literatura  
e pelo centro de literatura da universidade do porto

4 a 27 JULHO 1980  
FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEDA  
Rua Tenente Valadim, 257 Porto

Gostaria de falar brevemente de duas coisas: a primeira é a importância da eclosão no Porto, e com especial ligação ao Norte, de um projecto nacional tão ambicioso como o da *Renascença Portuguesa*: pela primeira e última vez no nosso século, nesta cidade se acende um archote tão multidireccional e desmesurado, da poética à filosofia e à história, na sua proposta de uma *humanidade* especificamente portuguesa, na sua exploração das sedes místico-vivenciais do que seria uma nossa própria consistência, uma nossa característica ontologia. Mas o Porto tem também os seus equívocos e isto conduz ao segundo ponto que desejaria salientar: direi que me seduz muito pouco o aspecto programático, se assim se lhe pode chamar, da *Renascença Portuguesa*. E também que não me entusiasma, literariamente ou de outro modo, a qualidade da produção que medrou sob os seus auspícios. Os juízos pessoais, sobretudo se alicerçados na subjectividade do gosto, são extremamente falíveis e historicamente condicionados, mas a nossa responsabilidade consiste, aí, em não (n)os iludirmos e assumi-los sem fingimento: direi pois que, para mim, não foi Pascoaes o grande poeta da *Renascença Portuguesa*, mas sim um outro que, de alguma maneira ou várias, acabou por a ela (se) escapar - e refiro-me a Afonso Duarte. Este me parece ser, aliás, o patético destino do movimento: o valor da *Renascença Portuguesa* estará mais porventura nas derivações e/ou contraposições a que deu lugar, de Cortesão a António Sérgio, por exemplo, do que nas fidelidades, assumidas ou implícitas, que se lhe foram mantendo. Corro mesmo o risco de encará-la como um *contraprojecto* inicialmente republicano dentro do próprio republicanismo, instável pela fugacidade de algumas adesões principais e inviável pela diluição metafísica, pelo "quase sebastianismo" de impossível conceptualização que foi o da saudade. A grande criação, cultural ou política, nunca vive da rarefacção do concreto, mesmo quando se eleva aos mais altos voos especulativos. Talvez por aí se explique a impraticabilidade de conjunto de muitas obras de algumas veneráveis figuras que foram da *Renascença Portuguesa*. De facto não se *re-nasce*, nem mesmo esteticamente, de um irracionalismo que ainda não tem condições para ser(-se) existencial e a que Pessoa viria a raptar, com mão e *lógica* de mestre, os fantasmas recuperáveis e a possibilidade da ironia. Pode renascer-se do erro e mesmo da

decadência enquanto apostas vitais, mas não se renasce do vago ou do vácuo de intuições inconsistentes e desancoradas da realidade e da modernidade: a *Renascença Portuguesa* não reunia portanto condições para nos reabilitar, antes só por ela nos teria inabilitado ainda mais do que já estávamos.

Vasco Graça Moura em *O Porto e a Renascença Portuguesa: Exposição Biblio-Iconográfica*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1980, pp. nn-nn.